

Perto da minha velha moradia há cemitérios, dois ou três parece. Receio que a razão do meu estresse é o número de enterros, todo dia. Detesto enterros. Se eu aqui pudesse, quando morresse nem ao meu iria, mas vai-se carregado e, como guia, lá vai o pranto, acompanhando a prece. Sim, carregado é o termo mais exato. São amigos nossos que, de fato, um dia, nos carregam para o nada. Amigos são também para essas cousas, para nos carregar, por entre lousas e túmulos, à última morada. Ziver Ritta, A última morada..

Encontrei velho poema escondido na saudade, fora feito em tenra idade e tinha a vida por tema! Não vislumbra, no instante, tantos problemas de agora, mas, percebia que outrora mais era o riso constante... Nas duplas fases em choque, velho dilema persiste e quero trazê-lo no enfoque. Será que o engano foi meu? Eis a pergunta que faço: o mundo mudou ou fui eu? Walter Argento, Transformação.

Deus, eu vos rogo nesta prece – iluminai sempre o caminho de cada um dos meus netos. Não deixai que a maldade, ou que atos abjetos possam denegri-los – vossa força lhes dai. No mundo conturbado que, por aí, vai, com a devassidão que nos deixa inquietas, a falta de caráter com fatos concretos..., protegi-os, ó Deus, dos males os salva! Que eles caminhem seguindo a senda do bem é a prece que vos faço aqui com todo ardor por muito que os quero, que lhes tenho amor. Atendi, ó Senhor, este rogo sincero de avó preocupada, é tudo que espero confiante em Vosso Amor, quem muito amor vos tem. Juracy Machado de Ávila, Minha prece.

SELEÇÕES EM FOLHA

Ano XVII, Nº 11 – 2013 NOVEMBRO
Assinatura até 31.12.14: 13 selos postais de 1º Porte Nacional
Não comercial (R\$ 0,80) ou informe seu e-mail para remessa mensal gratis.

Delicie-se com obras mestras de Contos e Poesias!

☀ www.haicu.sf.nom.br ☀

Creio em vós, mocidade!
em vossos gestos de sonho,
em vossos rumos audazes,
em vossos céus de esperança.
No brilho dos vossos olhos,
no calor do vosso sangue,
na altura do vosso ideal,
na certeza que ilumina
a glória dos vossos passos!

Paulo Bonfim, Mocidade – 0912 A Voz da Poesia:
Rua dos Bogaris 18304047-020 – São Paulo/SP

627 de Fanal, 2007, Novembro:
Rua Álvares Machado 22, 1º; CEP 01501-030 – São Paulo/SP

Quando o ELT, o universo nos mostrar assustador; já neste meu triste verso, vou-me enchendo de terror. Manoel F. Menendez

A paz, alguém foi que disse, costuma vir com a idade, mas eu que estou na velhice afirmo não ser verdade. Miguel Russowsky, 0912 A Voz da Poesia: Rua dos Bogaris 183 04047-020 – São Paulo/SP

A Internet, e a TV, são adagas, de dois gumes; corrompem, mas, ninguém vê, a moral, e os bons costumes... Pedro Grilo, 1011 Trinos do Pitiguari: R.Guanabara 542 59014-180 – Natal/RN

O velho deu tremedeira, mal se manteve de pé: levava a sua carteira, a moça do cafuné!... Regina Célia de Andrade, 1012 O Patusco: Caixa Postal 95 61600-970 – Caucaia/CE

Ao contemplar o universo que me envolve e me extasia só posso dizer em verso que tudo é poesia. Waldir Rodrigues, 1308 Binóculo ivonildodias@secrel.com.br jbatista@unifor.br

O arqueólogo, parece, marido ideal se revela.: mais a mulher envelhece, mais se interessa por ela. Ziver Ritta, 0711 Fanal: R. Álvares Machado 22, 1º 01501-030 – São Paulo/SP

Dois lápis eu fui comprar; pouco dinheiro gastei. Mas com eles vou lucrar: meu futuro traçarei. Arlem G. de M. Peixoto

Um lápis sempre permite que a borracha seja usada para apagar o grafite quando a escrita sai errada. Ivanilda T. da Silva

Para fazer o manejo do lápis com perfeição, só é preciso desejo e muita dedicação. José H. de Toledo Filho

O que é... Você advinha? Pode ser de muitas cores, ou também de cor pretinha... É o lápis, meus amores! Lívia Oliveira de Almeida

Lápis, fiel companheiro, erro, refaz, resolveu. No meu bolso, o tempo inteiro, uma grande amigo, só meu! Lucas Gabriel F. Brandão da Silva

O lápis escreve muito, ele também é pintor; e ele serve com o intuito de poemas para o amor. Otávio Chaves Pena de Paula

Trova na Trova 130, Edição Especial 2013, Concurso de Trovas – Concurso Escolar, UBT Seção de Taubaté.

SELEÇÕES MENS AIS FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Até o dia 30.10.13, enviar até 3 haicus de quigos: Dia da Religião, Nenúfar, Pintado.
Até o dia 30.11.13, enviar até 3 haicus de quigos: Dia do Zelador, Gafanhoto, Goiaba.

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez
Rua Des. do Vale 914, Ap 82
05010-040 - São Paulo, SP
ou mfmendez@superig.com.br



QUIDAI (TEMAS)

DE PRIMAVERA

Névoa na serra encobre toda a paisagem; é chuva na terra. Cecy Tupinambá Ulhôa

Formosa manhã! Embalando a luz do sonho, canta o sabá. Elen de Novais Felix

Sonhos de menino entre bolhas de sabão... – Mistério de um sopro! Humberto Del Maestro

Várias andorinhas pousam na torre da igreja. Procuram morada. João Batista Serra

Cinco de novembro. Teatro cheio de gente. Dia da Cultura. Mª Marlene N. T. Pinto

Quinze de novembro relógio de sol parado ancião cochila. Maria Mello

Campos do Jordão mil araucárias paz no coração Marilena J. S. Novaes

HAICUS BRASILEI ROS EM FOLHA

Entre as tangerinas aspiração diferente no vento aromal. I Alba Christina
No sopro da noite um perfume delicado gardênia escondida. O Alba Christina
No viveiro alegre um cardeal sobressai penacho vermelho. O Alba Christina
Um canudo, um sopro, a criança deslumbrada... Bolha de sabão. Alba Christina

Um canto sonoro do cardeal emplumado, ecoa na mata. E Amália Marie Gerda
Um vento aromal atapeta a rua inteira junto aos cinamomos. O Amália Marie Gerda
A gardênia azul envolve, com seu perfume, um casal, na praça. O Amália Marie Gerda
Andorinhas migram; buscam céus primaveris e o calor do sol... Amália Marie Gerda

A noiva, risonha, entrando na Catedral. Buquê de gardêneas. E Djald Winter Santos
O sol vem surgindo. Saudando o amanhecer, canta o cardeal. I Djald Winter Santos
O visitante chega com braçadas de magnólias. Que flores bonitas! Djald Winter Santos
No vaso de barro um bom punhado de terra. Gardênia revive. I Elizabeth Krinski Beraldo

Vento aromal bate leve, levemente embala meus sonhos. O Elizabeth Krinski Beraldo
Adejo sutil. Ao brilho de dois olhares canta o cardeal. O Elizabeth Krinski Beraldo
Sob o céu azul eucaliptos balançam. Vento aromal. B Larissa Lacerda Menendez
Tangará guarda entre seus verdes, ninho de cardeal. I Manoel F. Menendez

Jacatirão, entre seus verdes, o ninho de um cardeal. O Manoel F. Menendez
Num banco, jovens namorados. Vento aromal. O Manoel F. Menendez
Calos nas mãos, no término da colheita. Chegam os cardeais. E Marilena Budel
No dia frio a porta semiaberta. Vento aromal. I Marilena Budel

Aqui e acolá no terreno baldio, colho gardênia. O Marilena Budel
Durante a viagem, vento aromal de surpresa – cheirinho de mato. C Renata Paccola
Na banca de flores, um vaso chama a atenção – gardêneas azuis. I Renata Paccola
Bando de cardeais traça desenho no céu. Voo em sincronia. O Renata Paccola

Cidade do Sul – as araucárias recebem de braços abertos. Renata Paccola
Espelho d'água. Imagem de um cardeal pousado no galho. A Roberto Resende Vilela
Estação das flores. Assovia na janela o vento aromal. C Roberto Resende Vilela
Zumbidos de insetos. Colíbris e borboletas. Gardênia florida. E Roberto Resende Vilela

O S C A N T O S D E B I L Í T I S

Pierre Louÿs, romance lírico – Tradução de Oleg Andréev Almeida: www.olegalmeida.com

38 BILITS

Uma mulher se envolve em lã branca. Uma outra se veste de seda e d'ouro. Uma outra ainda se cobre de flores, de folhas verdes e uvas.

Eu cá só saberia viver toda nua. Toma-me, meu amante, como estou: sem vestido nem joias e nem sandálias, eis Bilitis sozinha. Os meus cabelos são negros por serem negros, e os meus lábios, vermelhos por serem vermelhos. Meus cachos me cingem a flutuar, livres e anelados como uma plumagem.

Toma-me tal como minha mãe me fez numa noite d'amor distante e, se gostares de mim assim, não te esqueças de me dizer isso.

39 A CASINHOLA

A casinhola, onde fica o leito dele, é a mais bela da terra. Ela é feita de ramos d'árvore, quatro paredes de terra seca e um telhado de palha.

Amo-a, pois aqui nos deitamos desde que as noites estão fresquinhas; e mais as noites estão fresquinhas, mais estão longas também. Afinal, ao chegar do dia, sinto-me fatigada.

O colchão está no solo; duas cobertas de lã preta embrulham os nossos corpos que se aquecem um contra o outro. O peito dele achata meus seios. Meu coração bate...

Ele me aperta tão forte que acabará por quebrar-me, pobre mocinha que sou; mas desde que está em mim, eu não sei mais nada do mundo, e cortar-me-iam os quatro membros sem que eu acordasse da minha alegria.

43 O JURAMENTO

“Quando a água dos rios tornar a subir às cristas cobertas de neve; quando nos regos móveis do mar semearem cevada e trigo.

Quando os pinheiros nascerem dos lagos e os nenúfares, dos rochedos; quando enegrecer o sol, quando a lua cair no relvado.

Então, só então é que vou tomar outra mulher e esquecer-te, Bilitis, alma da minha vida, cerne do meu coração.”

Ele me disse, ele me disse isso! Que importa o resto do mundo! Onde estás, louca felicidade que te compares à minha?

44 A NOITE

Agora sou eu quem vai procurá-lo. Todas as noites, bem de mansinho, eu saio de casa e, para vê-lo dormir, tomo um longo caminho até o seu prado. Às vezes, fico por muito tempo calada, feliz apenas de vê-lo, e aprominho meus lábios dos dele para beijar tão só seu alento.

Depois me estendo, de supetão, sobre ele. Ele acorda nos braços meus e não pode mais levantar-se, que eu reluto! Ele desiste e ri, e aperta-me. Assim nós brincamos nas trevas.

... Primeira alva, ó claridade malvada, tu já vieste! Em que antro sempre noturno, em que prado subterrâneo poderemos amar-nos o suficiente para nos esquecermos de ti?...

106 EU CANTO A MINHA CARNE E MINHA VIDA

Claro que não cantarei as amantes célebres. Se não estão mais aqui, para que falar delas? Não sou semelhante a elas, eu mesma? Não sonho demais comigo? Vou esquecer-te, ó Pasífae, se bem que tua paixão tenha sido extrema. Não te louvarei, Siringe, nem a ti, Byblis, nem a ti, pela deusa entre nós todas eleita, Helena dos braços alvos! Se alguém sofreu, só sinto um pouco de seu sofrimento. Se alguém amou, amo mais do que ele. Eu canto a minha carne e minha vida, e não a sombra estéril das amorosas já enterradas. Fica deitado, meu corpo, conforme a tua missão lasciva! Fica saboreando o gozo cotidiano e as paixões sem futuro. Não deixes uma alegria desconhecida aos pesares do dia de tua morte.

136 CANÇÃO

O primeiro me deu um colar, um colar de pérolas que valia uma cidade com seus palácios e tem-

plos, tesouros e escravos.

O segundo fez para mim uns versos. Ele dizia que meus cabelos eram negros como os da noite sobre o mar, e meus olhos, azuis como os da manhã.

O terceiro era tão lindo que a mãe dele corava ao abraçá-lo. Ele me pôs as mãos nos joelhos, beijou-me o pé descalço.

Tu não me disseste nada. Tu não me deste nada, porque és pobre. E não és lindo, mas é a ti que eu amo.

137 CONSELHOS A UM AMANTE

Se quiseres, ó jovem amigo, que uma mulher te ame, seja ela quem for, não lhe digas que a desejas, mas faz com que ela te veja todos os dias, depois vai embora para voltares.

Se ela te dirigir a palavra, sê amoroso sem pressa alguma. Ela virá, por si mesma, a ti. Sabe, então, tomá-la com força, no dia em que ela quiser entregar-se.

Quando a receberes na tua cama, negligencia teu próprio prazer. As mãos duma mulher amorosa estão trementes e sem carícias. Dispensa-as de serem zelosas.

E quanto a ti, não descanses. Prolonga os beijos até se perder o fôlego. Não a deixes dormir, mesmo que ela te peça. E beija sempre aquela parte do corpo para a qual se virarem os olhos dela.



Pierre Louÿs (1870-1925), escritor francês. Principais obras: coletânea poética *Os cantos de Bilitis* (1896) e romances *Afrodite: costumes antigos* (1896), *A mulher e o fantoche* (1898) e *Três filhas de sua mãe* (1926). Larousse Cultural: Louys (Pierre-louis, dito Pierre), autor de poemas eróticos em prosa (As Canções de Bilitis, inspiraram Debussy).

Turguêniev ou Turguênev (Ivan Segueievitch) – Tradução de Oleg Andréev Almeida: www.olegalmeida.com

A NATUREZA

Eu sonhava que tinha entrado num enorme santuário de alto teto abobadado, debaixo da terra. Uma monótona luz, também subterrânea, enchia-o todo.

Bem no meio do santuário estava sentada uma mulher majestosa, de roupas verdes e ondulantes. Apoiando a cabeça numa das mãos, ela parecia imersa num pensamento profundo.

Entendi logo que essa mulher era a própria Natureza, e o medo piedoso penetrou, feito um frio instantâneo, na minha alma.

Aproximei-me da mulher sentada e, fazendo-lhe uma reverência, exclamei:

– Ó nossa mãe comum! Em que estás pensando? Será que cogitas nos futuros destinos da humanidade? Será que pensas em como ela poderia alcançar a possível perfeição e a felicidade?

Lentamente, a mulher dirigiu para mim seus olhos escuros e tetricos. Os lábios dela se moveram, e ouviu-se uma voz muito sonora, igual ao tinar do ferro.

– Penso em como dar mais força aos músculos das pernas da pulga para que seja mais fácil ela escapar dos seus inimigos. O equilíbrio de ataque e reação está alterado... É preciso restaurá-lo.

– Como assim? – gaguejei em resposta. – É nisso, pois, que tu pensas? Mas nós, os humanos, não somos teus filhos mais amados?

A mulher franziu um pouco o cenho.

– Todas as criaturas são meus filhos, disse; e de todas elas eu cuido igualmente, e de igual modo as

mato.

– E o bem... a razão... a justiça?... gaguejei eu de novo.

– São palavras humanas, ouviu-se a voz da mulher. – Não conheço o bem nem o mal... A razão não é minha lei... E o que é a justiça? A ti, eu te dei a vida, depois vou tirá-la e dar a outros, vermes ou humanos... tanto faz. Vira-te, por enquanto, e não me atrapalhes!

Já ia retrucar, mas a terra gemeu surdamente e estremeceu ao meu redor... E eu acordei.

A LÍNGUA RUSSA

Nos dias de dúvidas, nos dias de dolorosas reflexões sobre os destinos da minha pátria, tu és meu único arrimo e amparo, ó grande, poderosa, verdadeira e livre língua russa! Acaso não existisses, como não ia desesperar-me com tudo o que se passa ali em casa? Mas não se pode descrever de que essa língua foi dada a um grande povo!

Ivan Sergueievitch Turguênev (1818-1883), grande romancista russo. Principais obras: *Rúdin* (1856), *Um ninho de nobres* (1858), *Pais e Filhos* (1862), *A fumaça* (1867), *Terras virgens* (1877). Larousse Cultural: **Turguêniev** ou **Turguênev** (Ivan Sergueievitch). Do ponto de vista estético, sofreu decisiva influência de seu amigo Flaubert.

O “ D O U T O R ”

Gilson Rangel Rolim, Puxando conversa, 2011: www.estantevirtual.com.br – Gentileza do Autor em 08.12.11 olgins@bol.com.br

“De médico, poeta e louco, todos nós temos um pouco”, eis um provérbio bem conhecido. Mas naquele subúrbio afastado, nos longínquos anos de 1950, mais conhecido do que esse adágio, era Durval, o *doutor*. Passando um pouco dos quarenta, a calvície já tendo desbastado boa parte de sua cabeleira crespa, o mulato Durval fazia jus ao apelido com aquela roupa e sapatos brancos. Quem o visse naquele traje num hospital não teria dúvida em confundir-lo com um médico. Mas, afinal, o que levou Durval a esse hábito?

Desde muito cedo, ainda rapazinho, foi trabalhar na tradicional farmácia Botica de Ouro, estabelecimento que já funcionava naquele subúrbio havia três gerações, sempre administrado pela família de farmacêuticos: o velho Agostinho Batista, o filho Ernesto Batista e nesses últimos dez anos, o filho do filho, o Agostinho Batista Neto. Os vinte e cinco anos de Durval na Botica de Ouro começaram em 1924, aos quatorze anos, quando dirigia a farmácia o segundo dos Batista. O emprego foi conseguido por Maria das Dores, antiga empregada daquela família de farmacêuticos, que criou Durval desde que o menino foi deixados aos cuidados dela; como os pais jamais apareceram, ele acabou virando filho de criação de das Dores.

O serviço de Durval não era bem definido, ia de ajudar na limpeza da loja, fazer entregas nas proximidades e, quando não estivesse fazendo qualquer uma dessas coisas, dar uma ajuda no balcão. Tendo aprendido a ler e escrever – coisa rara naquele tempo para um menino de sua condição social –, ele aproveitava esse conhecimento para fazer anotações das encomendas. É bom lembrar que por essa ocasião e por muitos anos ainda, talvez até por volta dos anos 1970, era comum os remédios serem preparados em farmácias, segundo as fórmulas passadas pelos médicos. O contato com os nomes dos produtos químicos e outras substâncias utilizadas, tais como guaiacol, cloreto de potássio, salicilato de sódio, carbonato de cálcio, extrato fluido de lobélia, sal amargo, azul de metileno, tetramina, glicerina e tantos outros, encantava o garoto. A cada um desses nomes que escrevia nas folhas de anotação, Durval se imaginava o médico que os colocava nas receitas. Vem daí aquele sonho jamais realizado de ser médico, salvo o hábito de andar de branco.

Foi, portanto, sem qualquer surpresa que, com o passar do tempo, o Jovem Durval se familiarizasse de tal modo com aqueles produtos que, ao fim de alguns anos, já estivesse ajudando no preparo das formulações. E que, como consequência desse contato direto, ficasse sabendo as indicações dos remédios preparados. Quando pegava uma receita, lia logo a formulação e dizia pra si mesmo: é crise de bronquite, é intoxicação intestinal, é problema de pele, ou qualquer outra enfermidade sugerida pela fórmula indicada pelo médico.

O hábito de andar de branco não lhe surgiu logo de uma vez. Começou com uma calça branca, de linho, já um tanto surrada, que lhe deu o padrão. Mais tarde com economias feitas durante alguns meses, comprou uma camisa branca, de linho também. O primeiro par de sapatos brancos foi-lhe dado pelo médico que, durante algum tempo trabalhou no consultório ao lado da farmácia. Estavam ainda em condição de uso quando Dr. Figueira Lopes, o tal médico, lhe deu os sapatos. A Durval,

recomendou, mordaz: “Não vá, agora, sair por aí dizendo pros outros que é médico”. A verdade é que, com todo aquele desejo latente de ser médico, o mulato se tornou um farmacêutico prático; jamais, porém, se deixou levar pela ambição de tornar-se um charlatão. O fato de passarem a chamá-lo de doutor não estimulou sua vaidade a esse ponto. Adquirido o hábito, o “uniforme” branco virou sua marca registrada.

O máximo a que Durval se aventurava, sempre com a concordância dos farmacêuticos responsáveis, o anterior e o atual, era falar para os fregueses mais conhecidos sobre uma ou outra fórmula bem sucedida na cura de alguma enfermidade. Jamais recebeu, segundo os critérios formais. Mas, verdade seja dita, Durval era de uma prestimosidade a toda prova. Seu único pecado era vestir-se de branco e envaidecer-se quando o chamavam de *doutor*.

Certo dia, estava ele no melhor dos mundos, junto ao balcão da farmácia, a roupa branca impecável, passando os olhos num jornal, em raro momento de loja vazia. Eis que chega um cidadão portando, uma pasta a procura por Durval Santana. “Sou eu mesmo, o que o senhor deseja?”, falou o *doutor* dirigindo-se ao recém chegado. “Sou oficial de justiça, venho entregar uma notificação ao senhor”. Ato contínuo, retirou da pasta uma folha e apresentou-a a Durval pedindo-lhe que assinasse o livro de protocolo. Vendo que o documento realmente a ele se dirigia, o *doutor* assinou no espaço indicado e apanhou o tal documento. O cidadão retirou-se em seguida e Durval ficou a ler a notificação. Aos poucos sua fisionomia se transtornava. Embora não conseguisse entender exatamente o teor do documento, desconfiava que não era coisa boa. Ao freguês que naquele momento adentrava a farmácia pediu que aguardasse um instante, e foi à procura do farmacêutico Agostinho para mostrar-lhe aquele papel. Atorreado voltou ao balcão.

Com ar preocupado, Agostinho chega-se a ele e diz: “Estão querendo fazer a sua caveira, *doutor*. Isto é uma notificação judicial acusando-o de prática ilegal da medicina, deve ser coisa de algum maluco ou seu rival.” Pelo tom com que falou, o farmacêutico não levava a sério aquela acusação. Tranquilizou Durval dizendo-lhe que entregaria o caso ao primo Olegário, o advogado a quem recorria eventualmente.

Essa acusação descabida causou-lhe profundo abatimento. Aquele rosto afável e aquele sorriso de gente boa desapareceram como por encanto. Mas ele não estava só. Todos os que conheciam o *doutor* acorreram a prestar depoimento em favor dele.

O processo deu em nada, Durval foi inocentado. Soube-se depois que a denúncia foi resultado do ciúme de um comerciante das imediações, cuja noiva andou se encantando com o jeito e a lábia do *doutor*.

Depois desse incidente, passou-se um bom tempo até que Durval recuperasse um pouco do humor antigo. Mas tomou uma decisão: jamais voltaria a se vestir de branco.